

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Trabalho e trabalhadores em *Crônicas da vida operária*, de Roniwalter Jatobá

Guiosepphe Sandri Marques*

Resumo: Este artigo analisa as construções discursivas do trabalho em quatro contos de Roniwalter Jatobá (1979), “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho” e “Trabalhadores”, presentes na obra *Crônicas da vida operária*. Para tanto, partem-se das contribuições de Marx (2013) e Marx & Engels, (2007), que problematizam as articulações entre a sociedade capitalista e o universo laboral. Concluiu-se que *Crônicas da vida operária* apresenta o trabalhador tanto individualizado e constituído a partir de um discurso próprio que lhe confere poder de reflexão e rememoração, como ser genérico, compartilhando sua narrativa com seus semelhantes, inserindo-se em dada classe social. Refletindo sobre a articulação entre estudo da Literatura em sala de aula e ação social, acredita-se que a visão de Jatobá pode contribuir para outro tipo de empoderamento da classe trabalhadora na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Universo do trabalho. Roniwalter Jatobá.

Abstract: This paper analyses the discursive strategies about labor dimension in four short stories written by the Brazilian writer Roniwalter Jatobá (1979), “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho”; “Trabalhadores” from the book *Crônicas da vida operária*. Marx & Engels’ ideas (2007), backgrounded the analyses, specially to understand how capitalistic society and labor field are interconnected. It is concluded that the author depicts workers as subjects who reflect about their conditions through a particular point of view given by a personal speech with it they also participate in the community. Thinking about Literary studies and social action, to believe that Jatobá’ ideas, presenting workers through their own language, portraying them as subjects, may contribute to a possible emancipatory exit to working class nowadays.

Keywords: Brazilian Literature. Labor Universe. Roniwalter Jatobá.

1. Introdução

Roniwalter Jatobá¹ vem se debruçando sobre a temática do trabalho há décadas.² Vários de seus livros abordam a vida hostil e contraditória do trabalhador migrante na grande São Paulo, entre as décadas de 1960 e 1970. Partindo da vida cotidiana do trabalhador e de sua subjetividade, Jatobá apresenta personagens que problematizam

* Doutorando em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR. E-mail: guiosepphe@hotmail.com

¹Trabalho desenvolvido no Grupo de Pesquisa “Discursos sobre trabalho, tecnologia e identidades nacionais”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR.

²Destacam-se as seguintes obras: *Sabor de química – Crônicas norderstinas*, 1977; *Filhos do medo*, 1979; *Trabalhadores do Brasil: histórias do povo brasileiro*, 1998 – organizador; *Cheiro de chocolate e outras histórias*, 2012.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

aspectos positivos do processo de industrialização e proletarização do trabalho nas cidades grandes. Até o presente momento, há poucos trabalhos acadêmicos que estudem as obras de Jatobá. Acredita-se que uma análise em torno de *Crônicas da vida operária* contribui para a temática do trabalho na Literatura Brasileira e também para um outro olhar sobre o trabalho e o trabalhador que se aproxime mais do dia a dia do universo laboral.

O livro *Crônicas da vida operária*, publicado em 1978, é a segunda obra do escritor mineiro Roniwalter Jatobá. O livro é constituído por sete contos: “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho”; “Trabalhadores”; “Nos olhos, gases e batatas”; “Duas margens”; “O trem, a estação... todos os dias”. Para este artigo, analisam-se as construções discursivas em torno do trabalhador individualizado nos seguintes contos: “A mão esquerda”; “Alojamento”; “O pano vermelho”; “Trabalhadores”. Os quatro contos foram selecionados porque há neles elementos em comum que possibilitam a abordagem em torno do trabalho e do trabalhador individualizado e também por questões de limitação do formato artigo.

2. Resumo interpretativo dos contos

A importância do breve resumo dos contos justifica-se no sentido de apresentar ao leitor um pouco dos contos e também para melhor situar as construções discursivas do trabalho em Roniwalter Jatobá.

2.1. “A mão esquerda”

O conto narra em primeira pessoa a trajetória da personagem Natanael, solteiro de 23 anos, residente na grande São Paulo da década de 1970. Alimentado por sonhos de admiração pela fábrica mecanizada e pela possibilidade de outro futuro na cidade grande, Natanael sai de sua cidade pequena para ir a São Paulo, em busca de um trabalho. Os dias se passam e Natanael consegue um trabalho na fábrica, com carteira assinada. Admirado com a maquinaria que produz várias vezes mais o que a bigorna de seu pai produzia, Natanael começa seu treinamento com o “seu Ismael”, operário experiente que perdeu um dedo na prensa. Durante o treinamento, Natanael, já

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

encantado pela superioridade técnica e produtiva da fábrica, começa a comparar o trabalho artesanal de seu pai, Elias, com a prensa mecanizada. A oportunidade de dominar a técnica fabril não se concretiza e Natanael acaba vitimado igual ao seu Ismael, perdendo os dedos da mão esquerda. Ele retorna à casa paterna para trabalhar no labor artesanal.

2.2. “Alojamento”

O conto apresenta narrador em primeira pessoa, o vigia, que cuida de um alojamento de trabalhadores da construção civil, no período da noite, em São Paulo da década de 1970. O sentimento de saudade é evocado pela personagem ao comentar o seu trabalho de antes. O período da manhã é o começo do conto, porque é quando os trabalhadores saem para a labuta. Na sequência, o vigia descreve primeiro a sua rotina de trabalho e, mais adiante, descreve o cotidiano e o começo da labuta daqueles que moram no alojamento. Por último, o vigia traz novamente o foco da narrativa para si, explorando o seu dia a dia solitário, porém, cheio de lembranças do alojamento vazio durante o dia e a noite de inverno.

2.3. “O pano vermelho”

O conto é também narrado em primeira pessoa e traz a história de um trabalhador que deixou sua terra, na Bahia, em 1953, rumo a São Paulo. O ano de 1976 é a data presente do narrador, um dono de bar que trabalhou durante vinte e dois anos no mesmo lugar: a fábrica. Através de uma cronologia linear, a personagem expõe a vida sofrida de sua família na periferia de São Paulo, entre 1953 a 1976. Nesse período, fatos marcantes acontecem para a personagem: compra de um terreno, visitas ao local de origem (Bahia), aquisição de uma bicicleta, nascimento e morte dos filhos, perda da mãe, da sogra e da esposa Adelina, casamento de seu filho Reinaldo, sumiço de sua filha Maria Aparecida. O conto termina com reflexões acerca do “ficar só”, que é a situação da personagem após ter pedido a maioria de seus familiares. O título remete a um presente que o narrador dá à sua mãe, um pano de cor vermelha, com o qual a mãe faz um vestido que usará uma única vez, em sua mortalha.

2.4. “Trabalhadores”

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

O conto apresenta foco em primeira pessoa. João expõe sua trajetória em São Paulo, que vai da chegada à cidade até os dois anos e meio em que trabalhou na fábrica automobilística. O conto gira em torno das experiências vividas na cidade grande. Os três Joões, irmãos, desembarcam em São Paulo. João Serafim morre alguns dias depois de sair de sua terra natal, atropelado em Guarulhos, por um ônibus. João Jacinto e João seguem seus respectivos destinos. João – apenas João – segue sua vida em São Paulo, atrás de um trabalho. Dez dias se passam e João continua sua jornada diária de trabalhador à procura por emprego, mas não o consegue. É expulso a gritos e insultos da pensão onde está hospedado, pois não consegue pagá-la. A partir desse momento, João começa a questionar negativamente sua situação em São Paulo, pega suas malas e vai à casa de seus parentes pedir ajuda. Depois de uns dias, João começa a trabalhar em uma fábrica automobilística, firma alemã. O conto termina com João fora do trabalho fabril e crítico de sua condição vivida em São Paulo.

3. O trabalhador individualizado

Lidando com discursos mais próximos de seu contexto imediato e com outros de maior temporalidade, Roniwalter Jatobá apresenta outro trabalhador e outra forma de enxergar o trabalho na grande São Paulo da década de 1970. Seu discurso literário responde a outros discursos e também a acontecimentos marcantes da época, por exemplo, o processo de industrialização da grande São Paulo, o processo de migração nordestina, o discurso do trabalhador sindicalista que lutava para se inserir na ordem capitalista e o discurso patronal (SENAI, SESI e FIESP), que defendia a positividade da qualificação técnica, principalmente na indústria automobilística. É a partir desses marcos e das formalizações artísticas do autor que a análise fluirá.

O trabalhador individualizado em questão dá-se na própria forma artística que Jatobá escolhe para escrever seus contos. O autor parte de personagens que narram em primeira pessoa suas experiências e trajetórias de vida. A característica fundamental desse trabalhador individualizado é a sua consciência reflexiva, que ultrapassa a sua condição imediata de trabalhador. Há também em suas personagens o *homo significans*, o *homo ludens*, o *homo symbolicus*, ou seja, o trabalhador aí não se formaliza somente

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

enquanto ser genérico, pertencente a uma classe social como, majoritariamente, ocorre nos trabalhos da área de Sociologia, História ou economia. O discurso literário, ao dar uma voz à personagem, faz com que o sujeito particularizado possa emergir. Obviamente que essa particularização não oblitera a sua condição de classe, mas torna essa condição mais complexa, uma vez que permeada por narrativas pessoais. Essa possibilidade de formalização discursiva é uma das especificidades do discurso literário em relação a outros registros *linguajeiros*.

No conto “A mão esquerda”, a personagem Natanael tem uma complexidade enquanto trabalhador e ser humano; ela carrega consigo a referência identitária de um trabalho artesanal e ao mesmo tempo cria expectativas com a técnica moderna e fabril:

Às sete horas, faça sol ou chuva, a fábrica começa a se movimentar, vou caminhando entre as máquinas, muitas máquinas que tomam os cantos, o meio e os lados do grande terreno construído há muito tempo. Pouco converso, logo não conheço ninguém, faço só o que me mandam. Gostaria de falar de pai, do trabalho dele na ferraria de sol a sol com dias entrando na noite, sei, aqui ninguém conhece ele. Nem o lugar de onde vim, como é mesmo o nome?, isso quando pude falar, repeti, não conheço não, dizem. Quem iria conhecer o Elias Ferreiro?, fico me achando bobo por achar que esses homens que trabalham nessas máquinas tão cheias de vida, tão ligeiras que sobem e descem no simples apertar do botão, depois no pedal, sobem e descem com as peças saindo de lado, prontas, certinhas como se Elias Ferreiro tivesse trabalhado, suado na forjaria, suado na bigorna três semanas pra fazer uma, uma só peça tal e qual, tivessem ciência da vida dele (JATOBÁ, 1979, p. 20).

Natanael é marcado por suas experiências anteriores, tenta compartilhá-las com os demais operários, mas de nada adianta, pois parece que a vida está com as máquinas. Aí entra a crítica do autor à condição operária na fábrica. Os momentos de sociabilidade na fábrica acontecem em circunstâncias produtivas, quando Natanael tenta aprender o processo de produção de peças na fábrica assim como aprendera o processo de produção na ferraria, contudo, são duas formas distintas de se relacionar e conceber o trabalho: a primeira é o trabalho estranhado na acepção marxista (MARX, 2010), e a segunda é o trabalho subjetivo e identitário, característico da ferraria do pai de Natanael.

Mas dentro da fábrica há permanências de certas experiências laborais anteriores e contraditórias à mecanização. Natanael faz críticas sutis a outros discursos da época ao descrever como tentou aprender a lidar com a máquina:

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Eu ficava como dormindo, esquecia o outro serviço, depois me lembrava, corria fazendo a obrigação, voltava e me postava junto da prensa com o corpo parado, quieto, quase não se movendo, as vistas descendo e subindo como o movimento da máquina, no acompanhamento dela. Seu Ismael me olhava com cara de pai, sorria do meu interesse e dizia que olhando se aprende, *ele tinha aprendido assim*, vai vendo, vai gravando na cabeça os botões, o pedal, quem sabe um dia precisem de alguém pra ficar no meu lugar, não lhe aconselho esse serviço de doido, completava (JATOBÁ, 1979, p. 21, grifos não constam no original).

Nesse excerto, aparentemente há permanências do labor tradicional na fábrica mecanizada; as formas de aprender a lidar com a prensa são parecidas com a forma “rudimentar” de aprender a lidar com a bigorna, ou seja, é no “olhando que se aprende”, na observação repetitiva, na “memorização da cabeça” e da experiência do mais velho passada ao iniciante. O conselho e a afetividade também ocorrem entre o aprendiz e o mestre, mas remetem a outros espaços e tempos anteriores à fábrica. Ismael e Natanael são originários do Nordeste e têm narrativas próximas, havendo neles uma empatia. Há certa semelhança, mas o que pesa, no novo ambiente, é a diferença. Ismael ainda trabalha na fábrica, mas tem uma deficiência física, visto que perdeu um dos dedos da mão no trabalho. Na fábrica, a técnica é despersonalizada, exige que o operário seja adestrado e o saber técnico deve ser assimilado a partir de uma despersonalização do conhecimento do operador. Natanael e Ismael, ao tentarem se utilizar de um saber artesanal para dar conta da máquina, fracassam, pois esse conhecimento não é operante no ambiente fabril. Aqui a técnica e a máquina se impõem; lá, de onde vieram Natanael e Ismael, o operador é ainda sujeito dessa técnica. Trabalho artesanal versus trabalho maquinal.

Nesse sentido, o autor entra em diálogo crítico com os discursos de sua época, que defendiam a qualificação técnica do trabalhador fabril como sendo um saldo positivo de sua proletarização: até que ponto esse trabalhador recebia qualificação técnica para trabalhar na fábrica? O discurso da qualificação técnica do trabalhador fabril da época pertence à chamada história oficial dos “vencedores”? Nesse mesmo conto, mais à frente, novamente a personagem traz à tona uma forma de tentar lidar com a maquinaria fabril típica de uma aprendizagem fora dos padrões da qualificação técnica e da fábrica, e que ainda se vincula ao autodidatismo:

Durante todas as noites ficava rabiscando no papel uma maneira de aprender mais ligeiro, que aquela ideia toda me entrasse na cabeça, que aqueles botões não se embaralhassem nesse juízo de pouco estudo e, quando eu novamente escrevesse pra casa e contasse pra pai que trabalho naquela máquina, o nome dela é prensa, diria o modelo, a tonelagem, da força dela, aquela máquina que faz o serviço de um ano dele em poucas horas, ele não vai acreditar e vai pedir pra dona Zilda, que é quem escreve as cartas respondendo as minhas, pra sondar como é a máquina, se é grande, como ela trabalha, quantas pessoas lidam com ela (JATOBÁ, 1979, p. 21-2).

Nota-se que esse trabalhador individualizado, Natanael, não é vazio e passivo; mesmo distante de suas origens e encantado com a prensa, a personagem mantém sua relação identitária ao escrever cartas endereçadas aos familiares no sentido de compartilhar suas expectativas. Assim, Jatobá distancia-se do retrato comumente dado do trabalhador simplesmente alienado e vitimizado, ou seja, que apenas sofre o processo. Natanael apresenta uma narrativa individualizada, que o particulariza dentro de sua classe social. Entretanto, também retrata características que poderiam acontecer em qualquer fábrica e também evidencia os choques culturais que muitos trabalhadores passavam à época, quando de sua chegada a grande São Paulo. Aqui entra o caráter “universal” da classe trabalhadora, vivenciado por diversos trabalhadores da época advindos de espaços variados, sobretudo do nordeste brasileiro.

Embora o conto seja uma crítica ao trabalho estranhado, há vários momentos em que o trabalhador se sente inferior à máquina. Esse operário não é retratado como um crítico absoluto do sistema, mas também como parte dele e se sente inferiorizado naquele ambiente técnico que não domina. A pequenez do homem aí aparece, e em tom de autocrítica. Natanael, ao ser manietado, joga para si a culpa de não ter dominado a máquina. Vê-se como culpado, já que ainda se move pelo saber artesanal no qual o trabalhador deve, por longos anos, experienciar a atividade para assimilá-la. Parece não entender que, na fábrica, a razão técnica se opõe a uma apreensão criativa e subjetiva. Lá, a formação, a identidade, a tradição no ambiente de trabalho; aqui, a informação, a sujeição, a despersonalização. A experiência traumática se processa na mente do narrador desse modo:

E foi passando na cabeça o meu choro, o sangue melando a máquina, o azul dela, fui sentindo vergonha, não me veio um tico de nada de ódio da prensa,

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

da prensa que me deixou com tocos de dedos, um homem aleijado, inutilizado como dizem por aí, não, não senti raiva da máquina, só da minha fraqueza, do meu medo, do descuido, do choro, essa mão, agora, pois vê, pesada e quieta como se não parecesse minha (JATOBA, 1979, p. 19).

O corpo de Natanael é incorporado à máquina de maneira drástica, mutiladora. Todavia, isso não impede que em outros momentos da narrativa apareça emergência da reflexão. O narrador inicia um processo de consciência de classe e passa a observar detalhadamente os outros na estação de trem, nas ruas, no trabalho e nos costumes, enfim, vendo-os com a mesma sina ou talvez semelhante. Todavia, a sua desdita na fábrica viabiliza uma reflexão memorialista e saudosista bem minuciosa em relação à atividade artesanal que outrora junto a seu pai realizava. A sua vida anterior torna-se mais vívida ao embater-se com a vida na cidade grande. Passa a ser narrada em contraponto crítico à fábrica.

De fato, o apelo da personagem ao trabalho artesanal é uma crítica às relações despersonalizadas do trabalho fabril na grande São Paulo. Todavia, a mutilação do corpo, na pior situação, desperta a consciência da humilhação, da degradação, do “sonho” perdido. Aí há a possibilidade de emancipação parcial do cárcere laborativo. O corpo e a mente não são tomados pela lógica da técnica instrumental, daí a possível saída. O operariado incluído na fábrica não é a solução para Jatobá e isso se dá na voz narrativa que não heroiciza o trabalhador da cidade já dado nas condições de trabalho mercantilizadas. Nesse vai e vem entre um contexto e outro é que surge o sujeito reflexivo, ou seja, o *homo faber* e o *homo symbolicus*. Não se tem o trabalhador como apêndice da máquina. Jatobá o dota de linguagem e essa é responsável pela visão crítica sobre o trabalho alienado, de um lado, e sobre o trabalho artesanal mais humanizado, de outro. Ambos são díspares: um despersonaliza; outro individualiza. A técnica antiga é criativa; a técnica moderna é maquinística, ou seja, exige a assimilação do corpo e da alma desse trabalhador.

No conto “Alojamento”, o trabalhador individualizado tem uma consciência reflexiva de sua condição fracassada em São Paulo. Mas, diferente dos outros três contos, a personagem aparece sem nome, idade, família e experiências que apontem para a sua particularidade. A personagem que narra o conto exerce a função de vigia.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Contrapõe sua condição atual à anterior e não alimenta entusiasmo com o que fazia anteriormente. Ele, o vigia, já foi operário, mas agora, em idade avançada, não mais servindo para o labor operário, passa à condição de vigia, aquele que cuida do capital e do trabalho do outro para o patrão. Em conhecendo o trabalho dos outros, pode vigiá-los de perto, atendo-se a detalhes. Parece ser usado pelo Capital, a fim de exercer melhor a vigilância sobre seus pares como um “trabalhador orgânico”, ou seja, que conhece bem o comportamento dos demais. No entanto, embora esteja ali para certificar-se de que os seus iguais trabalham, nota-se que se solidariza com os trabalhadores, especialmente nos momentos de folga. O vigia se alegra com o alegrar-se dos outros, entrando em consonância com seus pares, demonstrando que há narrativas comuns que os aproximam:

Nas quatro da tarde em ponto, algum caminhão desponta na rua, os homens calados em cima, chega aqui, abro o portão, o caminhão entra macio, os homens vão descendo, guardando as ferramentas, outros pulando correndo na direção dos seus quartos, isso aqui vira feira, ali se escuta conversa de um, radiola ligada de outro, música de rádio pra tudo que é canto, aí, alegre mais. Negreja de gente. Assim, gosto (JATOBÁ, 1979, p. 28).

A própria sociabilidade entre os trabalhadores só é possível no alojamento, ou seja, fora de suas relações de trabalho. A ênfase na sociabilidade fora do trabalho talvez possibilite um despertar crítico nesses trabalhadores migrantes, vindos de Minas, Bahia, Pernambuco, Ceará, Paraíba. As conversas *linguajeiras* dos trabalhadores fora do trabalho propiciam certa união e troca de experiências. O sentido de tais conversas depende do contexto em que ocorrem, demonstrando marcadamente aí uma crítica ao ambiente laboral.

Quando o vigia trata do trabalho desempenhado pelos moradores do alojamento é em circunstância de fadiga laboral, de crítica às condições de trabalho:

No outro dia, no cair das horas vai ficando o silêncio de novo. Quando dá assim pelas oito da manhã neste alojamento nem mosca zune nas paredes dos quartos. E lá longe nos bairros, sei, os homens cavando buracos, vazando água de bueiros, cortando travessias. Homens trabalhando de perderem o chocalho, modo de dizer, homens lavando a camisa de suor, o suor descendo pelas costas chegando nas calças, molhando a roupa no calor das ruas de carros apressados e de buzinas reclamando das ruas apertadas e poeirentas (JATOBÁ, 1979, p. 28).

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Na visão do autor, enfatiza-se a impossibilidade de realização pessoal no trabalho assalariado e na cidade grande. Nela, o trabalho dos pedreiros e afins narrado pelo vigia é a realidade de muitos migrantes, inclusive a dele, vigia, que conhece tão bem o trabalho desempenhado pelos seus iguais, e esse trabalho não é emancipatório. Contudo, a personagem tem saudades, sente-se sozinha, não gosta do alojamento vazio, ainda mais que é nele que ocorre a sociabilidade entre os trabalhadores. Mesmo sendo a pessoa que cuida da propriedade privada, que vigia o vai e vem dos trabalhadores, o vigia enxerga no outro a sua condição de antes, sua labuta que “cansou a metade das forças”.

O vigia é um trabalhador individualizado que retrata e reflete sobre a realidade de muitos trabalhadores na mesma condição: chega a São Paulo e trabalha no que vier (fábrica, abrir valetas, construção civil), mora em lugares improvisados e precários e, após tudo isso, caso envelheça e ainda tenha força para algum tipo de trabalho melhor (como, por exemplo, ser vigia), ainda assim, isso não significa uma mobilidade social em sua trajetória de vida. O que é esse trabalhador vigia? Ele vigia o outro, mas é ainda sim assalariado e sem propriedade. Apesar de tudo isso, Jatobá lhe dota de discurso e reflexão que o podem talvez libertar em algum sentido ou pelo menos perceber a ausência de sentido existencial no trabalho degradante.

No conto “O pano vermelho”, Roniwalter Jatobá continua sua crítica à não realização do trabalhador migrante na grande São Paulo. A personagem expõe sua trajetória de vida ao se lembrar de quando saiu da cidade pequena, lembrando sonhos que eram dele e de seu pai:

Tinha: sonho de pai tão antigo como ele, que passou por toda aquela vida de sustento, vendo os filhos que nasciam no todo sempre em todo ano. E: mãe enrodilhada na cama no resguardo de filho novo, na mesma pequenez quanto as palavras dela, relutando, pra que ir tão longe? Eu: ali, sempre vendo aquela velhice que vinha no correr dos anos trazida quem sabe por quem, que ia entrando nas pessoas. Como ser tão parado no viver? Esperando pai morrer, mãe morrer, aqui tudo miúdo, até a vida (JATOBÁ, 1979, p. 33).

De dentro do discurso do narrador irrompe a voz da mãe, que questiona a ida do jovem à cidade grande. Percebe-se nesse conto que o narrador conta sua aventura na cidade, mas sempre em contraponto com a cidade de origem. O jovem segue seu destino e acaba tendo uma vida “miúda”, parecida com a dos pais, só que bem longe. Adelina,

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

esposa do narrador, é a voz que questiona a vida operária em São Paulo, assim como a mãe do narrador, mas não adianta muito, a sina é mais forte. A vida sofrida e “miúda” é o que resta para o jovem. Sua família vai crescendo com o passar dos anos e a casa sendo improvisada aos poucos, isto é, de certa forma ocorre a permanência do tradicional da cidade pequena (miséria, condições materiais insuficientes, ausência de trabalho) na cidade grande, mas em condições ainda piores. O trabalho de carteira assinada não é capaz de mudar essa realidade.

Em relação ao trabalho, nesse conto, todos trabalham inclusive os filhos. O primeiro filho, Reinado, com oito anos de idade, em 1962, começa a trabalhar de engraxate, realizando junto com o pai um sonho de consumo: a compra de uma televisão a duras penas. O terreno, a casa, a bicicleta e a televisão, eis as conquistas materiais obtidas em São Paulo. Não precisa o autor se alongar e descrever o processo de alienação ou enquadramento na sociedade industrial e consumista, a própria condição das personagens já aponta para isso; o crescer limitado socialmente dos filhos é a reprodução da vida operária no Jardim Helena.

Adelina, dona de casa, tem filhos quase todos os anos, assim como a mãe do narrador, ou seja, a realidade, mesmo estando em outra cidade longe, não mudou tanto assim, ou talvez tenha piorado, pois se está em uma cidade grande, repleta de adversidades e distante dos parentes. A voz de Adelina é a que mais questiona e se contrapõe à vida sofrida em São Paulo: “miséria aqui, miséria lá, aqui é cativoiro” (JATOBÁ, 1979, p. 35). As datas escolhidas para formar uma cronologia da desgraça em São Paulo aparecem marcadas de críticas a fatos concretos do contexto da época também. Em 1968, tem-se o seguinte fato ocorrido na vida das personagens:

Vieram uns soldados. Bateram na porta, abri. Iam me levar. Adelina me segurou, um soldado bateu nela com o fuzil. Ela me soltou. Voltei, solto, era engano, mas por meses não olhei frente a frente nos olhos baixos de Adelina (JATOBÁ, 1979, p. 35).

A figura do soldado remete à violência da ditadura em periferias, sem cair em grandes detalhes, que provavelmente perderia de foco a vida operária em questão. Logo em seguida a esse incidente, surge um objeto vinculado ao trabalho do narrador: uma medalha conquistada por ele, que simboliza uma espécie de reconhecimento pelos vinte

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

e dois anos trabalhados. Ironicamente, o objeto irrompe na situação humilhante de ser preso pelos soldados. Parece que a medalha de nada serve para testemunhar sobre a honradez de seu depositário. A medalha está enferrujada, velha, sem brilho, não comprovando uma relação de sentido e de identidade entre o trabalho e a vida. Jatobá apresenta, ao final do conto, a personagem meio conformada com a vida sofrida que teve em São Paulo, contudo, a personagem obteve um salto de consciência, pediu demissão depois de vinte e dois anos trabalhando na fábrica e montou um bar.

Em relação à sua condição de condição de vida, pode-se dizer que a personagem se adaptou à sociedade industrial-consumista, porém, sua consciência crítica não foi capturada pela mesma. Percebe-se que o título do conto não remete à dimensão laboral, mas à afetiva, ao cuidado, ao amor, à dedicação pela mãe. O pano vermelho que comprara para a mãe é usado por ela em sua mortalha. É esse fato que emerge como poderoso, trágico e memorável em sua narrativa de vida.

Como já observado, Jatobá critica o trabalho fabril na grande São Paulo. Porém, a vida no interior não é edulcorada, sendo também, em parte, criticada pelo autor. Seus personagens são pobres, desprovidos materialmente, por isso migram, ou seja, desejam o melhor para suas vidas. No entanto, lá no seu local de origem a vida era menos drástica que na cidade grande. O único retorno da personagem à sua origem é por meio de suas memórias reflexivas e discursivas e do presente que manda à mãe: o pano vermelho. Esse, entretanto, já não a alcança viva, servindo-lhe tão somente de mortalha. A personagem parece *distópica*, uma vez que não pode mais retornar à casa paterna e materna e também não se sente identificada com a vida na cidade grande.

No conto “Trabalhadores”, a sina do trabalhador João Serafim começa antes da exploração do trabalho assalariado. Ele sai de sua comunidade com o intuito de melhorar de vida. Entretanto, na cidade grande o que encontra é a morte. Na cidade de onde parte havia, pelo mínimo, a “terra quente”, “o abraço”, a “roupa domingueira”, pois havia domingo (esse dia simboliza o descanso, o encontro na comunidade, o culto do espírito, a ausência de trabalho) e a família:

João

vestiu a roupa domingueira,

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

da roupa da semana fez a mala,
calçou o sapato apertado no
dedão, pisou a terra quente. Era
domingo, feira, viajou.
Abraçara filhos, mulher,
prometendo.
Acenara de longe, comovente.
Benzera-se no rio, água correndo
fiozenta.
Terça, janeiro, descarregou-se
com mala e tudo na Rodoviária, era
noite.
Passou
no claro olhando as luzes da
Duque de Caxias
e caminhando. Andou de trem da
central do Brás até São Miguel. Na
quarta, quinta foi preso.
E sexta surrado e solto. No
sábado,
de roupa domingueira, mão
apertada na mala,
debaixo dum ônibus cometa, na
Via Dutra, Guarulhos,
morreu. (JATOBÁ, 1979, p. 39).

O fragmento da obra dialoga com o discurso bíblico, recuperando em chave parcialmente diversa o batismo, a prisão, a via sacra, a morte e a ressurreição de Cristo. Assim como a personagem bíblica, João só tem as vestes de seu corpo, nada tem de outra propriedade. A aproximação da personagem à figura de Cristo é já uma crítica à visão positiva do trabalhador. A diferença é que João não ressuscita tal qual Cristo. Não tem um pai, um apoio, um transcendente para onde refugiar-se do mundo degradado. Jogado na cidade grande, está só, estranhado. A morte foi o que restou para João

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Serafim. O discurso literário de Jatobá recupera o bíblico, jogando a narrativa no contexto da grande temporalidade, transcendendo o contexto imediato da década de setenta, mas a ele remetendo. O trabalhador tem um destino parecido com o de Cristo, mas o final é terreno, já não há mais o pai ou outra saída para o trabalhador Serafim. Entretanto, a literatura resgata e aproxima esses heróis trágicos, operando de certo modo uma possível transcendência via discurso criativo e crítico. Contextos e temporalidades díspares se entrecruzam discursivamente, assemelhando os destinos de Cristo e de Serafim, imprimindo ao discurso um tom bastante reflexivo.

Dos três Joões que vieram a São Paulo, alimentados por esperanças e sonhos, João, apenas João, é quem apresenta no decorrer do conto outro ponto de vista sobre o trabalho e o trabalhador (à procura por emprego, depois empregado e insatisfeito, crítico às condições dentro e fora da fábrica). A construção do trabalho nesse conto não aparece de forma positiva, capaz de corresponder aos sonhos alimentados lá no local de origem dos três Joões. Consciente de que em São Paulo há trabalhos péssimos, o narrador João tem preferências na hora de procurar por trabalho: “fui fugindo de construção que é serviço de doido, desembestei pela Vila Anchieta, o ônibus me deixou no centro de São Bernardo, perguntei, sondei de serviço” (JATOBÁ, 1979, p. 41).

Depois, de posse de um emprego fabril, firma automobilística alemã, a personagem começa a questionar aos poucos o que é o trabalho na firma automobilística. O mecanismo de controle e coerção na fábrica, o “facão” (gíria utilizada para nomear a demissão), é descoberto por João em circunstâncias inusitadas, no banheiro, local em que os operários falam mais abertamente sobre os problemas no trabalho (JATOBÁ, 1979, p. 42). João tem uma noção de classe social, enxerga o medo do “facão” em si mesmo e nos seus iguais, por exemplo, no colega de trabalho Juvenal. Mas a descoberta e o medo do “facão” não propiciam uma resistência coletiva, que fosse capaz de fazer uma frente que parasse a produção – Jatobá não parte desse foco. Jatobá, de outra maneira, mostra que os operários não sofrem passivamente o exercício coercitivo do “facão”. Refletem sobre ele, mas não conseguem se associar a fim de resistir, visto que cada um precisa reproduzir a sua subsistência e isso os faz pensar também de modo individual, sem um senso coletivo.

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Mais à frente, João expõe um pouco do cotidiano da fábrica e a maneira pela qual os trabalhadores encontravam para tentar driblar um pouco o ambiente hostil e alienado da fábrica:

A linha final da montagem corria, o trabalho febril, ligeiro, sem tempo nem pra pensar nos problemas, corrido, se alguém queria ir no banheiro levantava o dedo, gritava ao feitor pedindo, num olhar do feitor já vinha outro substituir, esse outro chegava, tomava o lugar, o que tinha pedido saía correndo pra o banheiro, corria entre as máquinas, tropeçando, descia as escadas, lá fumava um cigarro enquanto mijava, o feitor lá em cima de olho grudado no relógio, terminava de mijar, acabava de fumar, falava um pouco do serviço de louco, voz baixinha pois o facão ainda permanecia, voltava no rastro e assumia o seu posto (JATOBÁ, 1979, p. 43, grifos não constam no original).

É no local do banheiro que os trabalhadores têm um descanso e podem se inteirar do que acontece dentro da fábrica. A maneira pela qual o autor aborda essa realidade na fábrica vai ao encontro de várias críticas (Marx e Engels, por exemplo) ao trabalho assalariado na sociedade industrial e capitalista. O discurso literário de Jatobá, mesmo partindo de um particular da personagem, acaba sendo crítico também, não colocando esse trabalhador de forma passiva, sem voz. Os trabalhadores em questão não destroem as máquinas, não matam o dono da fábrica, não sabotam a produção (atitude ludista), não se organizam politicamente e não fazem greve. Contudo, eles refletem e criam meios possíveis de resistência para lidar com o ambiente hostil na fábrica. Como a visão de mundo do autor não é a adaptação do trabalhador à sociedade industrial e consumista, não há o porquê ele construir discursivamente uma personagem que aos poucos desemboque na luta sindical como meio de melhorar sua condição de vida, ou condição de “vida operária”.

Embora haja uma visão de mundo negativa sobre o trabalho fabril na obra, essa perspectiva se constrói por intermédio de vidas e discursos específicos, que enformam visões problemáticas sobre o trabalho, uma vez que dado em condições estranhadas e alienadas. As personagens são dotadas de narrativas particulares e de discursos específicos, afastando-se de uma configuração panfletária que a todos padronize, no sentido de serem meramente depositárias das ideias do autor. Mesmo começando a sina em São Paulo, de forma desconfiada e com críticas, a personagem passa pelo processo

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

de reflexão na morte de seu irmão, na procura por um emprego, no caminho de vai e vem do trabalho e na crítica a si mesma em relação ao trabalho. João não quer mais fazer horas extras, pouco se importando também com o emprego na firma automobilística. Com o passar do tempo, João aproxima-se mais de seus iguais migrantes e se ocupa de tomar a opinião deles em relação ao trabalho na firma e em relação ao sindicato:

Então, ficava colhendo algumas opiniões dos operários, no banheiro, que como eu, sem qualificação nenhuma, quase todos migrantes, vindos da Bahia, Minas, Pernambuco, Ceará.

– Eu até gosto. Me dão comida, fardamento e me pagam, não é muito, mas é melhor que os salários de construtora.

– Não, nunca me sindicalizei não. Moro muito longe do sindicato e já que a única serventia do sindicato é o médico, prefiro procurar outros meios.

– Hora extra não é obrigado não. Eu sei. Mas a gente vem, mesmo no domingo, senão, quando começar o facão, quem não vem é o primeiro da fila.

– Gosto daqui muito. O trabalho é corrido, é. Mas lá onde a gente morava é só miséria, aqui é mesmo que tá dentro do céu.

– Ando fazendo um pé-de-meia. Na primeira leva do facão, pego o dinheiro que tenho e compro um terreninho lá na minha terra. A mulher nisso me apóia (JATOBÁ, 1979, p. 49, grifos não constam no original).

No excerto, o autor mostra a diversidade do trabalhador dentro da classe operária, evitando retratá-lo de modo homogêneo. Embora se assemelhem em suas condições precárias de existência e tenham sonhos coincidentes, são pintados com cores diversas. Podem ser conformados, esperançosos, satisfeitos, indiferentes, críticos, isto é, são multifacetados, externando desejos, sonhos, medos, vontades, alegrias, tristezas. Seria inverossímil se o autor retratasse um operário com total consciência de classe, revolucionário ao extremo, fazendo a transição do Capitalismo ao Socialismo. O discurso literário não é reflexo do real, mas a ele remete em boa parte. Deve ser crível, verossímil, ter um caráter heurístico, recriando a realidade a partir da perspectiva mediadora da linguagem do autor. Não é uma etiqueta para a realidade, mas mantém com esta uma inter-relação orgânica e complexa.

Embora o autor não crie *alter-egos* que sejam determinados para difundir um pensamento único que remeta ao seu, o autor se manifesta na obra como organizador do

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

discurso do início ao fim. Pode-se ver na obra parte da biografia do autor pessoa. Entretanto o autor pessoa Roniwalter Jatobá interessa como sujeito de discurso e é no discurso que realiza que pode-se também buscá-lo como autor real. Ao final do conto, o autor acentua um pouco mais sua marca biográfica na personagem João:

Agora, me botando letrado. Poderia resumir aqui todo um histórico do crescimento da Ford, VW, GM, Karmann-Ghia, Mercedes, Scania, Toyota. Enumerar o total de migrantes que estão aqui, hoje, na indústria automobilística, fazendo o seu papel de peão, aqueles sem instrução nenhuma, mal sabem assinar o nome, o operário especializado. Mas pra quê! (JATOBÁ, 1979, p. 50).

Acessando a biografia do escritor, percebe-se que muito da vivência de Jatobá, de operário a jornalista e escritor, aparece estilizada na formalização das personagens, demonstrando a ligação de sua literatura à materialidade de sua existência.

Em síntese, a trajetória de vida dos três Joões e as experiências na firma automobilística alemã relatam a vida do trabalhador genérico nas fábricas automobilísticas da década de 1970. Jatobá explora exaustivamente a vida cotidiana desse trabalhador no sentido de mostrar que a não adaptação à sociedade industrial e consumista acontece dentro e fora do trabalho. Não é só o trabalho que é estranhado, mas também a “vida operária”. Ao alimentar esperanças de encontrar o irmão João Serafim vivo, a consciência reflexiva de João aparece colada no autor: “pois nunca estive, como agora, tão perto das verdades, tão vazio de esperanças, tão oco de sonhos” (JATOBÁ, 1979, p. 51).

Contudo, o fato de Jatobá colocar a personagem João, ao final do conto, como não mais pertencente ao trabalho fabril (virou “letrado”, mas não apenas no sentido de saber ler, e sim de envolvido com o Jornalismo e as Letras) é a defesa também de que a atitude reflexiva desse trabalhador pode torná-lo em parte emancipado da vida operária degradante. Jatobá veio para São Paulo com sonhos parecidos com os de suas personagens. Em dado momento se afastou do trabalho fabril e tornou-se letrado, fazendo de sua pena uma das possibilidades de reflexão desse ambiente de trabalho. Aí, com certeza, o viés social de seu labor literário, manifestando a vida sofrida, alegre, desperdiçada, iludida, idealizada do trabalhador de origem humilde. Ler a obra de

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

Jatobá com nossos alunos pode ser uma fonte possível de emancipação e esclarecimento sobre o trabalho na contemporaneidade.

4. Considerações finais

Primeiramente. Se comparada aos discursos mais circulantes e oficiais acerca da classe trabalhadora da época, a obra em questão de Roniwalter Jatobá pode causar alguns estranhamentos, e até mesmo certo mal-estar àqueles que esperam encontrar nela um reflexo das construções discursivas clássicas sobre o trabalhador fabril: sofrido, com pouca ou nenhuma agência, de um lado; panfletário e portador da verdade única sobre os “trabalhadores”, do outro. Jatobá constrói um trabalhador ativo, com agência, mas não aos moldes do sujeito coletivo já orientado para a transformação social. Seus personagens trabalhadores até podem atingir uma tomada de consciência de classe rumo à transformação social, contudo, não é este o foco de seu discurso literário.

Segundo. A individualidade que aparece na construção artístico-literária de Jatobá é outro ponto de vista que, além de crítico, é também uma possibilidade de emancipação que aposta no pensamento reflexivo desse trabalhador. A adaptação do trabalhador de forma competente ao trabalho e à sindicalização, reivindicando “uma revolução dentro da ordem”, conquistando melhores condições de trabalho dentro do capital, não é o mirante de Jatobá. O autor narra a saga do trabalhador inadaptado. O escritor mineiro não vê saída na adaptação. Talvez, Jatobá deseje para todo trabalhador uma sina parecida com a sua, que é a da reflexão e da libertação da fábrica e por isso dota suas personagens de poder de reflexão e linguagem.

Por último. Por mais que a sociedade industrial e de consumo tenha conseguido um relativo êxito na homogeneização da classe trabalhadora e dos indivíduos como um todo, ainda há possibilidades de emancipação plausíveis. O discurso literário de Jatobá não é pessimista, e sim uma aposta de ao menos resistir (seja na cidade pequena ou na cidade grande e industrial) às imposições do capital dentro de uma sociedade cada vez mais industrial e técnica. Embora o título da obra analisada tenha um tom provocativo com outros discursos mais circulantes sobre a vida operária, em nenhum momento há uma invalidação de apostas mais políticas e coletivas. Contudo, fica evidente que sua

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

aposta é, via linguagem, a partir do indivíduo dotado de uma reflexão crítica de si mesmo e das condições que o circundam, ou seja, com as condições materiais de existência. Nesse passo, o trabalhador de Jatobá se institui enquanto um ser plural multifacetado, ou seja, alia o *homo faber* ao *homo symbolicus*, diferenciando-se de muitos discursos que esvaziam o trabalhador, vendo-o como coisa, apêndice da máquina, estranhado e alienado.

Referências

JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da vida operária*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979. 182p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 3. Ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. 119p.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010. 191p.

Recebido em agosto de 2017

Publicado em dezembro de 2017